



Ano 9, Vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 29-44

EUCLIDES DA CUNHA E A EXPERIÊNCIA AMAZÔNICA: IMPRESSÕES GERAIS DA HILEIA MARAVILHOSA

Luís Fernando Ribeiro Almeida
José Guilherme de Oliveira Castro

RESUMO

Este estudo faz parte de um grande quebra-cabeça: a compreensão da face amazônica do escritor fluminense Euclides da Cunha (1866-1909). Fala-se muito sobre um Euclides sertanejo, um Euclides histórico muito por conta da repercussão da sua obra-prima “Os Sertões” (1902), contudo após a experiência do autor com o então distante sertão nordestino – norte da Bahia – Euclides da Cunha já consagrado pela crítica, eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1903, começa a nutrir o desejo de ir para outras paragens do nosso imenso território, agora a região norte: o Amazonas. Nesse sentido, Euclides da Cunha segue para a região amazônica e dessa sua experiência resultaram importantíssimos textos que são verdadeiros retratos da terra e do homem amazônicos. Com base nessas preliminares, este artigo tem por objetivo analisar as impressões do autor quando dos seus primeiros contatos com esse novo espaço: imenso e ao mesmo tempo angustiante, a partir do que deixou registrado no texto “*Impressões gerais*”, primeiro capítulo da obra “*À margem da História*” (1909), enfatizando seu olhar atento para as configurações da Amazônia, bem como suas considerações a respeito da exploração dos seringueiros no período. Verifica-se no texto euclidiano já no início do século XX, questões que são debatidas hoje como preservação dos recursos naturais, bem como a atenção para os povos que têm nesse espaço um campo de subsistência.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha; Amazônia; Seringueiro.

ABSTRACT: This study is part of a great puzzle: the understanding of the amazon face of the fluminense writer Euclides da Cunha (1866-1909). There is much talk about a *sertanejo* Euclides, a historical Euclides due to the repercussion of his masterpiece “*Os sertões*” (1902), but after the author's experience with the distant hinterland northeast of Bahia Euclides da Cunha already consecrated by the critics, elected member of the Brazilian Academy of Letters (ABL) in 1903, begins to nourish the desire to go to other places of our immense territory, now the north region: the Amazon. In this sense, Euclides da Cunha goes to the amazon region and from this experience have produced very important texts that are true portraits of the amazonian land and man. Based on these preliminaries, this article aims to analyze the author's impressions in the first moments of his first contact with this new space: immense and at the same time distressing, from what he recorded in the text “*Impressões gerais*”, first chapter of the book “*À margem da história*” (1909), emphasizing his attentive look at the configurations of the Amazon, as well as his considerations regarding the exploitation of the rubber tappers in the period. In the euclidean text, at the beginning of the 20th century, there are questions that are debated today as preservation of natural resources, as well as attention to the peoples who have a livelihood in this space.

Keywords: Euclides da Cunha. Amazon. Rubber tapper.

1. Para início de conversa

Falar em Amazônia é, ao mesmo tempo, falar em um tesouro, quer seja para o Brasil, quer para o Planeta. Para tanto, é importante que de fato saiba-se o que corresponde a essa região e o que se entende por esse ecossistema. Para tal explanação

Meirelles Filho (2004, p. 27) informa: “A Amazônia corresponde às áreas drenadas pelos rios Amazonas, Araguaí-Tocantins, Orenoco, Essequibo e outros [...] área da América do Sul coberta predominantemente por florestas tropicais [...]”.

A Amazônia constitui-se como um ecossistema complexo, tanto por aglomerar um grande número de animais, plantas e recursos minerais quanto por representar uma região ainda a ser explorada. Em pleno século XXI, em cada reunião sobre os problemas climáticos ou de preservação ambiental, a Amazônia é um assunto recorrente. Porém, muito se fala e poucas ações parecem ser realizadas para a sua preservação. Poder-se-ia considerar que tal situação é fruto de uma visão, por muitas vezes equivocada, a respeito do verdadeiro potencial amazônico. A esse respeito Meirelles Filho pontua:

Toda vez que alguém pergunta qual a principal riqueza material do Brasil, a Amazônia é quase sempre a primeira menção. A Amazônia é mais falada que conhecida, mais discutida que vivida, mais mito que realidade. Formou-se, principalmente nos últimos 50 anos, uma visão equivocada sobre a região. Um dos principais responsáveis pela difusão dos mitos é o período de 20 anos de regime militar. (MEIRELLES FILHO, 2004, p. 22).

Apesar de todos os esforços das ONG's e das políticas governamentais existentes na Amazônia, esse espaço ainda vem sendo vítima da ganância e exploração de empresas e grandes agropecuaristas que devastam a floresta para obtenção de lucro. Essa problemática é um dos males que assolam tão importante patrimônio; vendo-se seus territórios ainda sendo devastados. Dentre alguns problemas dessa região estão a pecuária bovina extensiva; a exploração madeireira predatória; o contrabando; o tráfico de animais e plantas; a caça predatória; o garimpo e muitos outros que já viraram manchete de jornais e revistas especializadas.

A partir destas poucas linhas – mas que de certa maneira situam o espaço amazônico e alguns de seus dilemas – constata-se a vocação da Amazônia para o de fora, para o estrangeiro: a curiosidade pela região mobiliza esforços para conhecê-la, desbravá-la, daí muitos já terem tido essa experiência. No esteira de diferentes indivíduos que nela colocaram seus esforços, inclui-se o escritor Euclides da Cunha. O legado euclidiano em sua faceta amazônica é um vasto campo de investigações e estudos. Nesse sentido, as discussões doravante aqui realizadas, pretendem contribuir para fomentar esse outro lado do consagrado escritor e seus desdobramentos para os estudos da terra e homem amazônicos.

2. Euclides da Cunha e a experiência amazônica

Pensar o espaço amazônico como um todo que congrega diferentes saberes; culturas; espécies distintas; uma flora diversificada; interesses econômicos; local de muitos projetos de integração; espaço cobiçado por povos estrangeiros é ao mesmo tempo toma-lo em dois aspectos: singular e plural. Singular por ter em si elementos peculiares, próprios da região, a exemplos de animais e plantas; já plural, pois foi sendo ao longo dos séculos – o que remonta o período do descobrimento e as primeiras expedições nessas paragens do Brasil – recebendo diferentes povos que por lá aportaram, deixando resquícios de sua cultura que foram amalgamadas com as tradições dos povos indígenas, formando um verdadeiro mosaico, que reflete de certa maneira a vocação do Brasil para a multiculturalidade.

Nesse aspecto, essa parte do imenso território brasileiro já foi contada, descrita, narrada, experimentada por diferentes pessoas: viajantes, cientistas, escritores, missionários, migrantes que deixaram textos sobre esse certo sentimento de “estar” na Amazônia. Esses textos por sua vez refletem, a certa altura, o olhar dirigido para determinado aspecto desse espaço imenso, tão singular quanto plural, ladeado pelo simbolismo dos rios e da floresta, aspectos que serviram e servem de inspiração para a criação quer seja literária ou científica. Autores como Ferreira de Castro (*A selva*), Alberto Rangel (*Inferno verde*), Inglês de Sousa (*Contos amazônicos*), Dalcídio Jurandir (*Chove nos Campos de Cachoeira*), José Veríssimo (*Cenas da vida amazônica*), Peregrino Júnior (*Histórias da Amazônia*), Leandro Tocantins (*O rio comanda a vida*) e Florentina Esteves (*Direito e Avesso*), para citar alguns, sem contar as produções dos missionários, cientistas, estudiosos, lançaram mão do fazer literário para “mostrar” esse espaço, assim contribuíram para as representações que se tem da Amazônia.

Nesse cenário literário, um autor que deixou textos importantes sobre a região foi o escritor fluminense Euclides da Cunha¹. Em sua passagem pela região como

¹ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu no dia 20 de janeiro de 1866 na fazenda Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, então província do Rio de Janeiro. Morreu no dia 15 de agosto de 1909, depois de trocar tiros com o cadete Dilermando de Assis, amante de sua esposa.

chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus², e seu olhar atento, deslocado para questões sociais, o autor identificou nesse novo espaço, que se descortinava à sua vista, um território que necessitava ser integrado ao restante do país, ou para usar uma expressão mais apropriada: tirar a Amazônia da margem da História – o que poderia ser entendido como retirá-la de seu caráter coadjuvante para alçá-la em seu protagonismo, verdadeiro símbolo do gigantismo do Brasil, este que em muitos textos o autor aponta como sendo robusto a caminho de um esplêndido futuro³. Nesse cenário de investigações do espaço amazônico, este artigo busca trazer algumas reflexões do autor fluminense sobre a região, tomando-se para essa tarefa a leitura do texto *Impressões gerais*, contido em *Na Amazônia – Terra sem história*, primeira parte da obra “À margem da História” (1909) ⁴. É possível observar nesse texto as impressões de Euclides da Cunha sobre o espaço (rio e floresta) e o homem, em especial o seringueiro, bem como já certo ideal/projeto de integração da região com o restante do território, na busca de tirar o homem da floresta do seu isolamento. Nesse sentido, faz-se mister lembrar que o contexto histórico em que o autor experimentou a Amazônia fora o período do ciclo da borracha – daí a importância de integrar o povo, os bens e a comercialização dos produtos, a partir da diminuição das distâncias⁵. Em importante trabalho sobre a ensaística amazônica, incluindo estudo sobre Euclides da Cunha, Pereira considera que:

A obra de Euclides da Cunha, entre as representações geográficas da Amazônia através do ensaísmo, se tornou um marco para outras obras, um clássico e uma referência obrigatória. Já os títulos das obras em que foram publicados seus ensaios a respeito da Amazônia indicam as representações espaço-temporais sobre a região que ainda navegam em mentes, livros, projeções e intervenções políticas sobre ela. Expressam o imaginário moderno/colonial em relação ao espaço amazônico. (PEREIRA, 2016, p.100).

² Em 1904, Euclides da Cunha é nomeado pelo então barão do Rio Branco como chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, na fronteira entre o Brasil e o Peru, com a missão de fazer o levantamento cartográfico do rio Purus. Parte do Rio, em 13 de dezembro, no vapor *Alagoas*, rumo a Manaus, aonde chega no dia 30 do mesmo mês. Depois de concluídas suas atividades na região, regressa ao Rio, em 5 de janeiro de 1906.

³ Ideia contida no texto *Solidariedade Sul-Americana*, publicado em *O País*, Rio de Janeiro, em 31 de maio de 1904 e reunido posteriormente na obra *Contrastes e Confrontos* (1907).

⁴ Obra póstuma publicada em 1909 pela editora portuguesa Lello & Irmão. Está dividida em quatro partes, sendo que a primeira contempla a reunião de estudos hidrográficos e de ensaios sobre a Amazônia.

⁵ A ideia de um projeto de integração da região amazônica fica evidente no texto *A Transacarana*, publicado no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em 07 de maio de 1907, sendo, posteriormente, incluído na obra *Contrastes e Confrontos* (1907).

No decurso das discussões sobre preservação da Amazônia, verifica-se no escritos euclidianos sobre a região, um autor que já pontuava alguns problemas ambientais pelos quais a floresta já vinha sofrendo no início do século XX, caso do desmatamento. Para Bruni:

Euclides da Cunha, um ambientalista e precursor da ecologia em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras em 21 de setembro de 1903, onde foi eleito a ocupar a cadeira nº 7, na sucessão de Valentim Magalhães, já expressava receios sobre as catástrofes que são o desmatamento e o aquecimento da atmosfera, “eu, filho da terra e perdidamente enamorado dela...” declarando seu amor à natureza. (BRUNI, 2009, p. 11).

Poder-se-ia considerar que durante o tempo em que passou na região do Alto Purus, Euclides da Cunha, ladeado pelos rios e pela floresta, renovava-se, retificava alguns conceitos, amadurecia sua técnica já apurada de escritor – o que pode ser verificado em passagens belíssimas, de um profundo lirismo. Além dessas questões e observando artigos que o autor escrevera sobre o clima, os rios, as gentes e as condições de navegabilidade da grande região amazônica, salta a vista sua preocupação que o Brasil conhecesse tão importante ambiente, que assim como o nordeste, não tinha a devida atenção das lideranças republicanas, por vezes esquecida por parcela considerável da população brasileira.

Tomando o texto “*Impressões gerais*”, começemos, pois as reflexões aqui propostas.

2.1 Impressões gerais: da decepção ao cenário maravilhoso

O texto, espécie de artigo-ensaio, aos moldes da escrita da época, é o primeiro texto constante da obra “*À margem da história*”. Composto por sessenta e seis parágrafos reflete as impressões desse primeiro contato do autor com esse novo espaço, com outro Brasil, este cercado pelo rio e pela floresta: a região amazônica – o Norte. No texto, é possível encontrar muitas considerações sobre o lugar, a partir dessa primeira experiência: a sua decepção com o cenário encontrado; seus apontamentos sobre a flora e a fauna; a relação como a floresta que, dependendo da perspectiva do observador, apresenta-se de maneira diversa; perpassando por questões peculiares das gentes, seus hábitos e costumes, a partir do diálogo com os escritos dos que por ali passaram, em

alguns casos, citando trechos de seus textos; por fim, dedica-se a questão dos seringueiros: Euclides da Cunha faz toda a descrição do processo de trabalho desses “indivíduos” e sua condição de presos na floresta aos mandos e desmandos do patrão.

Detalhando-se mais o texto, esses sessenta e seis parágrafos formam um todo dividido em quatro partes. Vejamos a primeira dessas partes.

A primeira parte corresponde aos dois primeiros parágrafos do texto. Nesse ponto, Euclides da Cunha expõe de fato sua primeira impressão do local e seu certo espírito de desapontamento com um lugar diferente do contado pelos viajantes, chegando a usar os termos: “desapontamento, inferior”. Não deixemo-nos levar por essas primeiras palavras do escritor, sob pena de não considerar-se o valor de seus escritos amazônico. Mais adiante, ressalta que a Amazônia seria o maior quadro da terra – enorme moldura que se quebrou; citando horizontes vazios e indefinidos. O que pesponta desse início de conversa, a despeito de um eventual menosprezo por essa região do país, é antes um reflexo de alguém que é surpreendido ao chegar pela primeira vez no local, quando antes havia construído todo um imaginário por meio de leituras anteriores:

[...] mas como nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a Hylae prodigiosa, com um espanto quase religioso – sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. (CUNHA, 1999, p. 1).

2.2 Pintando um quadro

Passadas essas primeiras palavras, nos trinta parágrafos seguintes – correspondentes à segunda parte do texto – Euclides da Cunha começa a fazer considerações mais pormenorizadas do espaço – este mesmo que anteriormente considerou inferior. Logo nessa parte, há algo interessante: ao revés de uma desmoralização da Amazônia, o autor, ao ver nesse espaço um campo vasto por onde se alargavam os horizontes do imenso país, considerando que “o homem, ali, é ainda um intruso impertinente” (CUNHA, 1999, p. 2), pois teria chegado cedo demais, antes da natureza preparar seu mais “vasto e luxuoso salão”, daí, pois a constatação de uma desordem, o que poderia explicar as palavras de decepção do autor.

Fazendo apontamentos sobre a flora e a fauna, aspectos hidrográficos (rios), dialogando com importantes autores que fizeram consideráveis estudos sobre a região, pode-se ponderar que há certo dualismo em Euclides da Cunha, pois ao mesmo tempo em que faz comentários a primeira vista negativos, depois destaca as peculiaridades, a singularidade da região: “a natureza é portentosa, mas incompleta”, “tem tudo e falta-lhe tudo”, acentuando que é, na América, a Amazônia é “a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida” (CUNHA, 1999, p.3). Começa, pois a dialogar com a literatura científica, com autores como Frederico Hartt, Russell Wallace, Walter Bates, Herbert Smith. Nessa altura do texto, o autor faz importantes considerações sobre os rios e sua influência na vida local, destacando até seu aspecto maravilhoso: “o grande rio, malgrado sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso” (CUNHA, 1999, p.3).

Outra importante consideração e que aparece em outros textos, é o aspecto artístico⁶. Euclides da Cunha considera a terra como um bloco em modelagem, até pouco a pouco configurar-se como uma “estatuária portentosa”. No decurso das discussões e alargando sua perspectiva visionária, o que até certo ponto, poder-se-ia apontar como uma questão que irá ser mais posteriormente tornar-se uma tônica em seus textos amazônicos – a relação terra-homem:

Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro: e está pisando terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. (CUNHA, 1999, p. 7).

Nos últimos parágrafos, Euclides da Cunha lança seus comentários sobre o rio, o que já destacou como aquele que desperta para o maravilhoso. Em relação à influência dos rios na vida das gentes da Amazônia, um dos grandes intérpretes de sua face amazônica, Leandro Tocantins soube explorar muito bem em sua importante obra *O rio comanda a vida*⁷. Euclides fala sobre a força que o rio tem de criar e ao mesmo tempo de destruir, sendo, pois que ele desempenharia um papel de artista: “um

⁶ É recorrente nos textos de Euclides da Cunha esse seu olhar para a criação artística: a statuária, o bloco do qual se faz um monumento. Esse caráter estético pode ser percebido em outros textos, como, por exemplo, em *A vida das estátuas*, *Judas-Ahsverus*, *A Esfinge*.

⁷ *O rio comanda a vida* veio a público em 1952 pelas mãos de Cassiano Ricardo, então diretor da extinta Editora A Noite, com o subtítulo “Panoramas da Amazônia”.

monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomençar perpetuamente um quadro indefinido” (CUNHA, 1999, p. 9).

2.3 Nas miragens da natureza

Entra-se, pois na terceira e penúltima parte do texto, interessante perceber que ao cabo de um parágrafo ou parte, Euclides da Cunha, no item seguinte desenvolve a ideia gestada no anterior. É o que acontece nesse momento. Na parte anterior, Euclides da Cunha fez importantes considerações sobre os rios da Amazônia e como estes metaforicamente, são como verdadeiros artistas. Pois bem, nos próximos doze parágrafos, o escritor fluminense começa a lançar seu olhar para as gentes amazônicas, o povo, seus hábitos e costumes, ou precisamente, discorre sobre a história da Amazônia, ou mais ainda sobre as formas de interferência do homem na terra. Considerando-se que a história de determinada localidade nem sempre é construída por meio de um perfeito estado de normalidade, na Amazônia, em Euclides da Cunha: “Tal é rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta” (CUNHA, 1999, p. 9). Domar a terra e fazê-la produzir, pois como já anunciava o cronista do descobrimento: “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”⁸, seria pois o caminho natural da Amazônia, a vocação para a produção de alimentos. Na visão do colonizador e seu desejo e ambição para o Oriente, para a terra das especiarias; achando-se agora na América – despendendo-se agora trabalhos sobre a terra “que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa” (CUNHA, 1999, p. 9).

Nesse aspecto, o que se desvela da escrita euclidiana é como se a Amazônia fosse vista como a terra da provisão: campo por onde a civilização deveria adentrar, fincar sua bandeira, requerer seu quinhão, pois ela “sempre teve o dom de impressionar a civilização distante” (CUNHA, 1999, p. 9). Euclides da Cunha chama a atenção para um fato peculiar: considera que todos os esforços dos primeiros desbravadores, viajantes, comitivas, expedições que se esforçaram para amansar a terra, prefiguravam-se em esforços vão, pois apesar da regulação das culturas, das gentes, no aformoseamento da terra, em um lance de tempo, as malocas, os casebres decaíam em um choque repentino, envoltos na bruteza original da natureza – demonstrando que

⁸ Fragmento da Carta de Pero Vaz de Caminha “Águas são muitas: infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”.

assim como os rios, a terra também tem seu ritmo próprio. Essa instabilidade da terra, a lançar os homens em busca de novas paragens:

Tudo é vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído das correntezas, ou tombando nas “terras caídas” das barreiras... (CUNHA, 1999, p. 10).

Nas exposições seguintes, Euclides da Cunha esforça-se em mostrar que na região houve anteriormente tentativas de instalação da indústria citando relatórios de alguns responsáveis como Tenreiro Aranha⁹, Furtado de Mendonça¹⁰ e o Fr. João de São José¹¹ voltada à manufaturas, apontando ainda que nesse local, destacando-se uma sociedade que erigia-se e depois caía em ruína a desdita dos reveses da natureza. Euclides da Cunha revela que, segundo considerações do Fr. João de São José, havia já no século XVIII certo estado das coisas e das gentes da Amazônia, nas palavras do Frei: “lascívia, bebedice e furto” (CUNHA, 1999, p. 11). Euclides da Cunha pondera que ainda no século XIX, poder-se-ia verificar tais traços das gentes amazônicas, como assegurou outro estudioso que passou pela região, Russel Wallace¹²: “*drinking, gambling and lying* – bebendo, dançando, zombando”¹³. Levando em consideração os escritos dos que anteriormente desbravaram essas terras, Euclides da Cunha, considerando os fatores físicos e morais, afirma que:

[...] essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, esse sistemático renunciar de escrúpulos e esse coração leve para o erro, são seculares, e surgem de um doloroso tirocínio histórico, que vem da “Casa do Paricá” à “barraca dos seringueiros”. (CUNHA, 1999, p. 11).

De outro lado, aponta que ladeado de todas essas questões elencadas anteriormente, concernentes às gentes, ao íntimo, outra força desprende-se a eles:

⁹João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha ([Belém, 23 de junho de 1798](#) — [Belém, 19 de janeiro de 1861](#)) foi um [político brasileiro](#) e primeiro [presidente](#) da [província](#) do [Amazonas](#) de 1 de janeiro de 1852 a 27 de junho de 1852.

¹⁰ Capitão-General.

¹¹ Dom João de São José de Queirós da Silveira foi o quarto [bispo de Belém do Pará](#), sucedeu a [Dom Frei Miguel de Bulhões e Sousa](#), e teve como sucessor [Dom João Evangelista Pereira da Silva](#), [Terceira Ordem Regular de São Francisco](#).

¹² Alfred Russel Wallace foi um naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo britânico nascido no País de Gales em 8 de janeiro de 1823.

¹³ Segundo nota de rodapé da obra completa de Euclides da Cunha, o escritor fluminense teria cometido um deslize de tradução. Sendo a tradução correta para as palavras de Wallace: bebendo, jogando e mentindo.

“aquela natureza [...] é uma adversária do homem” (CUNHA, 1999, p. 11). Voltando-se para outro daqueles que por lá passaram, o médico italiano Luigi Buscalione ao analisar o papel da influência climática sobre as gentes que estacionam na Amazônia, este aponta que haveria dois pontos dessa influência: “questões psíquicas e sexuais e de outro lado à fraqueza das faculdades, a começar pelas mais nobres” (CUNHA, 1999, p. 11-12). Apesar das considerações do médico, Euclides da Cunha considera que todas essas questões, morais ou físicas são reflexos da “própria inconstância da base física onde se agita a sociedade [...] A volubilidade do rio contagia o homem” (CUNHA, 1999, p. 12). Neste ponto, o autor chega a uma conclusão, que poderia servir para explicar as dicotomias, as possíveis decepções e antagonismos do espaço amazônico:

No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. (CUNHA, 1999, p. 12).

Dessas considerações de Euclides da Cunha, é possível estabelecer um paralelo: a Amazônia sob o olhar do homem errante e do homem sedentário: no primeiro, a natureza apresenta-se estável, ou seja, sem variações e/ou alterações; já no segundo, apresenta-se revolta e volúvel, ou seja, insubordinada, variável. Euclides da Cunha, então conclui que “a adaptação exercita-se pelo nomadismo”, assegurando ainda que já há três séculos as gentes da Amazônia vivem em uma “paralisia completa”, em atividades desordenadas, confusas e improdutivas¹⁴.

2.4 O hóspede dentro da própria casa

Na quarta parte – nos últimos vinte parágrafos – o olhar de Euclides da Cunha desloca-se para o homem, precisamente o seringueiro. Aqui faz necessário um adendo: será o seringueiro uma tônica nos escritos amazônicos¹⁵ do escritor fluminense.

¹⁴ Interpretação da passagem “numa agitação tumultuária e estéril”. CUNHA, 1999, p.12.

¹⁵ *Um clima caluniado, Entre os seringais e Judas-Ahsverus* são exemplos desses textos que tomam o seringueiro como centro de suas discussões.

O trabalho que outrora realizada em sua obra-prima *Os Sertões*¹⁶ com a figura do sertanejo, a qual cunhou a célebre frase: *o sertanejo é, antes de tudo, um forte* (CUNHA, 2009, p. 95), desdobra-se em sua face amazônica, ao ver os nordestinos imersos na floresta, em uma nova batalha, agora com a própria natureza e fatigados pelos desmandos dos grandes seringalistas. Começamos, pois, a análise dessas considerações do autor.

Logo no primeiro parágrafo dessa parte, Euclides da Cunha lança uma espécie de ultimato: “Como quer que seja, para a Amazônia de agora deverá restaurar-se integralmente” (CUNHA, 1999, p. 12) – como já foi dito anteriormente, sair da margem, de coadjuvante para protagonista – citando o famoso aforismo de Barleaus¹⁷: “*ultra aequiotialem non peccavi*”¹⁸, muito apregoado no período colonial, em sentido de considerar-se “tudo permitido”. Nesse cenário, é que estacionam os sertanejos-seringueiros, agora ladeados pelos rios e a floresta, segundo o autor, na entrada de Manaus existiria uma exuberante ilha, a de Marapatá, ao lado da boca do Purus¹⁹, sendo esta funcionando como o “mais original dos lazaretos²⁰” (CUNHA, 1999, p.12) a receber em suas paragens as massas dos migrantes nordestinos, recém-chegados a deixarem ali segundo a tradição popular, sua consciência; fato que também ocorreria na desembocadura do Juruá²¹. No transfigurar dessas ideias, nessa entrada na Amazônia, deixando para trás os ideais de outrora, pois: “[...] o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável” (CUNHA, 1999, p. 12).

Euclides da Cunha, de certa maneira, atento à problemática dos seringueiros, seu estado de exploração, privado da liberdade, ou seja, manietado para usar um termo caro nos escritos amazônicos do autor. Em *Impressões gerais*, o autor já identificava os percalços e dilemas desse homem, ladeado pelos rios e pelas florestas de

¹⁶ Livro publicado em 1902 e considerado obra inaugural do momento literário que no Brasil ficou conhecido como Pré-Modernismo. Dividida em três partes: A Terra, O Homem e A Luta, é resultado da passagem de Euclides da Cunha na Guerra de Canudos (1897), no norte da Bahia.

¹⁷ Teólogo, humanista, poeta e historiador holandês.

¹⁸ Em português: “*não existe pecado abaixo do Equador*”.

¹⁹ Rio Purus é um [rio](#) da [Amazônia](#), que percorre o território do [Peru](#) e dos [estados brasileiros](#) do [Acre](#) e do [Amazonas](#).

²⁰ Estabelecimento existente junto aos portos, ao qual se recolhem viajantes procedentes de países onde grasse moléstia epidêmica ou contagiosa; hospital de quarentena.

²¹ O rio Juruá é um [rio](#) que [nasce](#) no [Peru](#) e que banha os [estados](#) do [Acre](#) e [Amazonas](#), no [Brasil](#).

héveas²² e castilhoas²³, que deixaram suas lembranças naquela espécie de ilha-quarentena na entrada do espaço amazônico, talvez sem o saber que o aguardava “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou a mais desacomodado egoísmo” (CUNHA, 1999, p.13). Organização de um trabalho a mercê dos desmandos dos grandes seringalistas; faina pelas estradas²⁴, que agora passarão a ser o seu movimento diário, indo e voltando em um verdadeiro círculo de dias que passam lentamente. Assim como a célebre frase referente ao sertanejo, em Euclides da Cunha amazônico o que prefigura sobre o seringueiro é o apotegma: “é o homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 1999, p. 13). Tal máxima tem seus argumentos nas próprias colocações de Euclides da Cunha. Como recorrente de seu estilo, a preocupação com o rigor científico, ou seja, em demonstrar os fatos ou elementos que afirma, começa agora a elencar os argumentos que corroboram com tal sentença. Apresentemos.

O primeiro sentido que o autor aponta é a realização da “venda de um homem” (CUNHA, 1999, p. 13): é o seringueiro como um produto, um objeto, capitaneado no nordeste brasileiro pelos traficantes que os levavam para os rincões amazônicos para trabalharem nos seringais que existiam à montã na região do Purus, no que entrou para a história como ciclo da borracha. A esse fato da história nacional Boris Fausto descreve:

A expansão da borracha foi responsável por uma significativa migração para a Amazônia. Calcula-se que entre 1890 a 1900 a migração líquida para a região – ou seja, a diferença entre os que entraram e saíram – foi de cerca de 10 110 mil pessoas. Elas provinham sobretudo do Ceará, um Estado periodicamente batido pela seca. (FAUSTO, 2008, p. 291).

Sobre a origem desses homens-objetos, estes eram oriundos do nordeste do Brasil, em sua maioria cearenses, que já vitimados pelas grandes secas que assolavam a região, viam na Amazônia um novo começo, um renovo, muitos com um sonho ingênuo de fortuna. Posteriormente no texto *Um clima caluniado*²⁵ Euclides da Cunha constrói importante ensaio do que se poderia chamar de narrativa da saga sertaneja rumos aos seringais do Acre.

²² Gênero de plantas euforbiáceas a que pertence a seringueira ou a árvore-da-borracha.

²³ Planta borrachífera encontrada na América. Nome que em alguns centros comerciais se dá ao caucho.

²⁴ Trilha formada pelo conjunto de 100 seringueiras.

²⁵ Em *Um clima caluniado* Euclides da Cunha descreve todo o percurso dos sertanejos para a Amazônia, bem como seu estado de exploração nos seringais.

Ainda sobre a migração/êxodo dos sertanejos para a Amazônia, a Literatura Brasileira fornece um exemplo. Na obra “O Quinze” da escritora Rachel de Queiroz, tem-se o personagem Chico Bento. Já fatigado pela seca e sem perspectiva, o personagem a partir das narrativas de seus confrades sertanejos, em conversa com a mulher Cordulina, diz que a ida para o Norte seria um alternativa, pois “o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha” (QUEIROZ, 2004, p. 31).

Mas o cenário criado no nordeste acabava revelando-se oposto. Como aponta Euclides da Cunha, esse sertanejo já saía do Ceará devendo: a passagem para o Pará; o dinheiro que recebeu para os preparativos da viagem; chegando a Belém, o dinheiro para o transporte em uma gaiola²⁶ até o barracão distante em algum seringal. Chegando ao barracão, era servido dos seguintes utensílios:

[...] um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. (CUNHA, 1999, p. 13).

Em todo esse cenário de preparação: análogo a um preparar para uma batalha, seria o sertanejo-seringueiro um soldado? Essa questão ficaria mais evidente no Brasil durante o período da Segunda Guerra Mundial, onde o governo por meio do S.E.M.T.A²⁷, utilizava-se de um programa de recrutamento para levar incontáveis nordestinos para a Amazônia, por meio do discurso da “terra da fartura” e “borracha para a vitória”²⁸:

O S.E.M.T.A utilizou-se do trabalho de propaganda, seguindo as normas do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), estimulando jovens a servirem à pátria, através do alistamento militar. Esses jovens formaram o *Exército da Borracha* e foram mandados para a floresta amazônica, onde permaneceram de 1942 até 1945. Mesmo com o fim da Guerra, muitos simplesmente foram esquecidos no “inferno verde” da floresta. Pode-se dizer que foram enterrados vivos na imensidão da floresta amazônica. (GIANNOTTI, 2014, p.21).

Ainda como *brabo*²⁹ às voltas dos utensílios, já possuem uma dívida considerável. Além desses materiais, levavam “[...] 3 paneiros de farinha d’água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de

²⁶ Pequena embarcação fluvial bem como na região amazônica.

²⁷ Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia.

²⁸ Dizeres contidos nos cartazes produzidos por Jean Pierre Chabloz.

²⁹ Expressão que designa seringueiro inexperiente, sem o domínio das técnicas.

açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 grama de quinino” (CUNHA, 1999, p. 13). Munido de todos os apetrechos e mantimentos, passa a ser então “um estóico firmemente e lançado no caminho arrostando uma penitência dolorosa e longa” (CUNHA, 1999, p. 13).

Euclides da Cunha, conjecturando todas as possibilidades, até as mais otimistas, mesmo conseguindo bons quilos de borracha, o seringueiro ainda ficaria devendo: “é ainda devedor e raro deixa de o ser” (CUNHA, 1999, p. 14). Agora o seu desejo de fortuna escorre por suas mãos como as águas que cortam as terras amazônicas. Tem-se agora mais um ponto refletido por Euclides da Cunha: o contrato com o patrão. Nos chamados “Regulamentos” dos seringais têm-se a normalização da exploração do homem pelo homem: “Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalcanhado e bronco [...] o patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, cousas assombrosas” (CUNHA, 1999, p.14). Euclides da Cunha oferece dois exemplos: a multa de 100\$00 por descumprir a forma correta de extrair o látex da seringueira; outro é o monopólio: o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão. Nesse tocante, o homem-objeto, ante esses rigorosos regulamentos, seria, pois uma espécie de Caliban³⁰: é a imagem do escravo. Nesse quadro, as dívidas são como algemas, elos de uma corrente que vão pouco a pouco prendendo o seringueiro à terra: “queda, então, na mórbida impossibilidade de um felá desprotegido dobrando toda a cerviz à servidão completa” (CUNHA, 1999, p.15).

Teria, pois uma saída? Para o seringueiro nem adiantaria, pois havia um acordo entre os patrões para não aceitarem uns os empregados dos outros. Euclides da Cunha então interroga-nos: “Agora, digei-me, que resta no fim de um quinquênio do aventureiro sertanejo que demanda aquelas paragens, ferretoado da ânsia de riquezas?” (CUNHA, 1999, p. 15). Sabendo que segundo o “Regulamento” se por ventura conseguisse liquidar a dívida, mesmo assim não teria direito à terra, nem a usufruir dos benefícios que nela fez. É a confirmação do “eterno hóspede dentro da própria casa”. Euclides da Cunha nessa altura acentuando que suas considerações comportariam outros exemplos bem dolorosos, conclui apontando uma solução para a vida de exploração desse sertanejo-seringueiro:

Dela ressalta impressionadoramente a urgência de medidas que salvem a

³⁰ Escravo, selvagem e disforme, personagem da obra “A tempestade”, de William Shakespeare.

sociedade obscura e abandonada: uma lei de trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer de *homestead* que o consorcie definitivamente à terra. (CUNHA, 1999, p. 15-16).

3. Para não concluir...

Detentor de uma riqueza vocabular extraordinária e de uma singular maneira de descrever os problemas sociais, Euclides da Cunha é essa figura relevante para as letras brasileiras, uma vez que os seus escritos não constituem apenas como relatos, mas como “mensagens dramatizadas, que palpitam de vida, formas e sugestões: aformoseiam nossas próprias vidas”, ponderação feita por um de seus grandes pesquisadores, Leandro Tocantins. Desta maneira, quando se volta o olhar para a investigação de sua obra de temática amazônica, neste caso suas considerações feitas no texto *Impressões gerais*, percebe-se que o escritor que presenciara o massacre de Canudos, adquirira uma agudeza na sua escrita.

Somando-se a isto, nos parágrafos que compõem o texto objeto de análise, verifica-se um escritor que compreendia que a região norte do país não podia mais ficar sem a atenção governamental e, que os seringueiros – que em sua maioria eram sertanejos do nordeste brasileiro – estavam presos em sua própria pátria uma vez, que não conseguiam libertarem-se de suas dívidas contraídas na viagem para a região amazônica. Nessa conjuntura, a narrativa euclidiana e, suas peculiaridades do pré-modernismo – interesse pelos problemas sociais brasileiros, busca de uma linguagem mais próxima do português falado no Brasil – constituísse como uma linguagem marcada por imagens, de tipos humanos e da paisagem amazônica, elementos estes, que dão a escrita euclidiana caráter universal.

Enfim, os textos produzidos pelo escritor fluminense mostram-se atuais, pois no caso deste, falando da Amazônia, que hoje é fruto da cobiça e exploração desmedida, e que para muitos brasileiros ainda é desconhecida, é importante ressaltar o olhar pioneiro de Euclides da Cunha, que já naquela época – início do século XX - preocupou-se com aquela região, não em um sentido de um ecologista, pois não era sua formação, mas sim um olhar de um homem preocupado com a integração nacional e reconhecimento dos problemas sociais. E aqui parafraseando o grande Silvio Romero, é impossível negar que o Brasil e os brasileiros ainda têm muito que aprender com o legado euclidiano.

Referências

- CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. Os sertões. In: **Obra completa**: volume 2. 2ª ed. Organização de Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- BRUNI, Fernanda. Euclides diante das Mudanças Climáticas. **Jornal da Região**. Cantagalo – RJ, 17 a 23 de setembro de 2009. Ano XXIII.
- GIANNOTTI, Carlos Ugo. **A saga dos soldados da borracha**: o Brasil na II Guerra Mundial – Memória & História. Goiânia: Kelps, 2014.
- MEIRELLES FILHO, João Carlos. **O livro de ouro da Amazônia**: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- PEREIRA, Edir Augusto Dias. **Ensaio de Amazônia**: representações espaciais da região no ensaísmo brasileiro. Niterói: Eduff, 2016.
- QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 77ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

Recebido em 20/8/2017. Aceito em 20/10/2017.

Sobre autores e contato:

Luís Fernando Ribeiro Almeida - Professor da rede pública de ensino. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista Prosup/Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa "Interfaces do texto literário na/da Amazônia". Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Atenas Maranhense (FAMA).

José Guilherme de Oliveira Castro- professor paraense.

E-mail: zevone@superig.com.br